

O HOLOCAUSTO JUDEU E OS OUTROS GENOCÍDIOS⁷⁰

Marcio Pitliuk

Por que o Holocausto judeu foi diferente dos outros genocídios? Esta é uma questão que serve como ponto de partida para os educadores abrirem o debate sobre o tema genocídio nas salas de aula. Uma das razões é que os genocídios continuam a ser praticados ainda neste século XXI contra diferentes povos e por distintos grupos étnicos e/ou políticos. No entanto, o Holocausto praticado pelos nazistas entre 1933-1945, deve ser avaliado como um fenômeno distinto dos demais genocídios, conforme têm demonstrado os especialistas no assunto.⁷¹

Alguns elementos se prestam para caracterizar este fenômeno, único na História da Humanidade:

O planejamento e a organização da sociedade civil e militar alemã no assassinato de seis milhões de judeus.

O extermínio dos judeus foi um assassinato premeditado pelo Estado alemão e que não se restringe ao período da Segunda Guerra Mundial, como mostram muitos livros didáticos. Não foi algo que aconteceu por acaso e nem os milhões de judeus foram mortos pela guerra, como enfatizam os revisionistas e aqueles que negam o Holocausto e as Câmaras de gás. **A destruição do povo judeu e de outras minorias étnicas foi muito bem planejada e organizada pelo Estado, com a conivência de grande parte da população alemã.** Não só o povo judeu, como também a cultura judaica: livros escritos por judeus e em defesa dos judeus, sinagogas queimadas, escolas destruídas, carreiras interrompidas. Assim podemos falar em *genocídio físico* e *genocídio cultural*⁷², debate que permeou as discussões na ONU logo após o final da guerra, culminando na resolução que definia o conceito de crime contra a humanidade.

E aconteceu há muito pouco tempo, em pleno século XX, organizado pela Alemanha, um dos países da Europa mais cultos e desenvolvidos na época. Há apenas 64 anos, ou seja: Hitler chegou ao poder em 1933, eleito pelo povo. Todos aqueles que o elegeram conheciam sua plataforma política e seu plano de tornar a Alemanha um país grande e forte. Mas, o ser “grande” implicava em expandir seu território [espaço vital] para as terras no leste europeu, além de tornar a Alemanha “limpa de judeus”.

O plano de extermínio dos judeus não se limitou a Solução Final. Uma fase anterior [1933-1938] antecedeu o Plano de Extermínio propriamente dito. OU seja, milhares e milhares de judeus morreram assassinados ou morreram de fome, do trabalho forçado, de doenças. Temos como referência a data de promulgação das Leis de Nuremberg em 13 de setembro de 1935, momento em que,

Durante uma reunião do Partido Nazista em Nuremberg, foram promulgadas as primeiras leis racistas na Alemanha. Estas leis definiam o judeu não como quem praticava o judaísmo, mas quem descendia de judeus. Bastava ter um avô ou avó judeus. Bastava ter sangue judeu. Mesmo quem era filho de judeus convertidos, há duas ou três gerações, eram considerados judeus. E os judeus da Alemanha eram cidadãos alemães, assim como os judeus

⁷⁰ Marcio Pitliuk é publicitário, escritor e dramaturgo. Dedicou-se há mais de três anos a estudar o Holocausto. É autodidata, visitou museus e os campos de concentração e extermínio nazistas, leu dezenas de livros sobre o assunto e assistiu dezenas de horas de depoimentos de sobreviventes. Autor do livro “Marcha da Vida”, São Paulo, Editora PitCult, 2009.

⁷¹ Dentre as principais obras que tratam do Holocausto enquanto genocídio singular cabe citar “Os Carrascos Voluntários de Hitler” de Daniel J. Goldhagen, Cia das Letras.

⁷² Genocídio físico e genocídio cultural são dois termos distintos. Genocídio físico é a destruição física de um povo, o assassinato si temático; Genocídio cultural é a destruição de qualquer traço da cultura de um povo, seja livro, arte, religião, história.

do Brasil são cidadãos brasileiros. Cabe lembrar que os judeus estavam há mais de 600 anos na Alemanha formando praticamente 18 gerações.

O primeiro ato das Leis de Nuremberg foi tirar a cidadania dos judeus que deixavam de ser cidadãos alemães para se tornarem apátridas. Proibiram o casamento e as relações sexuais entre judeus e não judeus. Ao mesmo tempo cassaram os direitos políticos dos judeus, limitaram as profissões liberais e, rapidamente, proibiram os judeus de exercê-las. É fato que muitos judeus foram expulsos das escolas públicas e universidades que, inicialmente estipularam cotas raciais. Os judeus foram também proibidos de trabalhar em emprego público. De atuarem no teatro como atores ou diretores. Médicos judeus foram proibidos de atuar nos hospitais públicos, enquanto que todos judeus, de forma generalizada não podiam mais receber aposentadoria.

Tudo isto, apesar de terem lutado na Primeira Guerra Mundial na condição de autênticos cidadãos alemães. Apesar deste forte sentimento germânico, eram ainda proibidos de andar nas calçadas e deveriam tirar o chapéu quando passavam na frente de um militar alemão e baixar a cabeça. **O círculo foi se fechando cada vez mais tirando dos judeus todas as possibilidades de sobrevivência.** A partir de 1937 os judeus tiveram suas contas bancárias confiscadas, os médicos judeus só podiam tratar de judeus e os advogados não podiam mais exercer sua profissão. Ao longo dos anos, foram perdendo tudo: bens, empregos, direitos.

Em três anos, os direitos dos judeus, que eram apenas 2% da população da Alemanha, desapareciam. Os documentos de identidade dos judeus tinham que ter um “**J**” **vermelho para facilitar a identificação e, no caso de não terem** nomes judaicos, o nome do meio deveria ser *Israel* para os homens e *Sara* para as mulheres.

Lentamente, mas com grande violência física e simbólica, firme e constantemente, os judeus foram cercados, acuados e destruídos psicologicamente. Isto foi acontecendo tanto na Alemanha como nos países ocupados pelos nacional-socialistas. Ou seja, o projeto de destruir os judeus não foi uma explosão de raiva, um ato impensado, uma revolta popular. Foi lentamente preparado e executado, exterminando mais de seis milhões de judeus, ciganos, testemunhas de Jeová, além de milhares de comunistas e socialistas. É este perfil que o distingue dos demais genocídios.

E como isso foi possível acontecer? Como os alemães e outros cidadãos de distintas nacionalidades -- e que se posicionavam como cidadãos de bem -- aceitaram praticar e/ou conviver com tudo isso? Por que muitos judeus não quiseram deixar a Alemanha quando o processo de exclusão começou a tomar forma? Várias são as razões. Não se abandona uma pátria tão facilmente. Os judeus tinham empresas, residências, empregos e viviam na Alemanha há 600 anos. Mesmo aqueles que optaram por emigrar, fato possível até a “Noite dos Cristais”, encontravam dificuldades: não era fácil conseguir um visto para emigrar. E até então não existiam parâmetros que servissem de referências para tudo aquilo que estava acontecendo na Alemanha e, posteriormente, nos países ocupados. Ninguém imaginava o que aconteceria e como aconteceria. Todos achavam que o nazismo e Hitler iam passar.

Em 9 e 10 de novembro 1938 o Partido Nazista organizou um grande pogrom que ficou conhecido como a *Noite dos Cristais*. Lembro aqui que os pogroms aconteciam desde a Idade Média na Europa do Leste. Eram bandos de homens incitados por discursos antissemitas proferidos por intelectuais, líderes políticos, membros da Igreja Católica, dentre outros segmentos sociais. Instigados, invadiam vilarejos judeus, queimavam suas casas, batiam nos homens, estupravam as mulheres, atos que muitas vezes culminavam em dezenas de mortes. Mas os pogroms eram explosões espontâneas de ódio racial, desorganizados: o objetivo não era o extermínio físico e cultural de um povo, articulado pelo Estado ou por um grupo étnico ou político. De maneira cruel, mas desorganizada, sem um plano sistemático.

Lembro aqui que a Noite dos Cristais, alcançou dimensões nacionais. Apoiada e organizada por autoridades do Reich chegou a grandes conseqüências: quebraram milhares de vitrines, destruíram 256 sinagogas, casas, agrediram milhares de judeus pelas ruas e centenas foram mortos. Foi um prenúncio do que viria. Um dos raros comentários do governo foi que “a destruição das vitrines trouxe um prejuízo muito grande para a economia Alemã, uma vez

que as lojas que ainda restavam dos judeus seriam tomadas por alemães [arianos]”⁷³. Enfim, devemos considerar que o Holocausto foi “um fenômeno político” e que o antissemitismo serviu de instrumento de exclusão e extermínio para o Estado nazista.⁷⁴

Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, o Holocausto deve ser compreendido em três etapas distintas e não apenas como um fenômeno que teve início com a Noite dos Cristais:

- **1ª. etapa 1933 a 1935 do boicote econômico à represália cultural**
- **2ª etapa 1935 a 1939 O fechamento do círculo: o prenúncio da catástrofe**
- **3ª etapa 1939 a 1945 o extermínio como “solução final”.**⁷⁵

1ª. etapa: do boicote econômico à represália cultural

A partir também de 1933, após a ascensão de Hitler ao poder, o Estado nacional-socialista começou a criar uma rede de campos de concentração. Em 1934 já existiam dezenas deles espalhados por todo o território alemão. [Comentário: * aliás, fazendo aqui um parêntese, este é um item interessante e muito rico para ser analisado por um professor de geografia] Hitler nomeou Heinrich Himmler para administrar os campos de Dachau, Bergen-Belsen, Oranienburg, Esterwegen, Buchenwald, Sachhausen, e dezenas de outros.

Para estes espaços de exclusão foram mandados comunistas homossexuais, ciganos e judeus, todos que eram considerados inimigos [políticos ou raciais], segundo a lógica do governo nazista. Esses campos foram locais de testes para o que viria a seguir: a morte sistemática de milhões de judeus. Prisioneiros comuns eram usados para manter ordem, com violência. Imagine o impacto que havia na repressão ao colocar um criminoso comum para controlar centenas de prisioneiros. Rudolf Hoss, mais tarde comandante de Aushwitz, foi treinado nesses campos, desenvolveu técnicas de controle, tortura, humilhação. **Devemos considerar que organização alemã para o genocídio foi planejada com mais de 6 anos de antecedência, ou seja desde 1933.**

Os judeus que conseguiram vistos para emigrar fugiram da Alemanha. Alguns não acreditavam que a situação poderia piorar ainda mais e ficaram. Outros que queriam sair, não tinham condições financeiras. A cada dia, a vida dos judeus na Alemanha nazista ficava mais insuportável. Quando -- após a *Noite dos Cristais* -- os judeus que ali haviam ficado tentaram sair, *mas* já era tarde demais.

O anúncio da catástrofe

Em primeiro de setembro de 1939 a Alemanha invadiu a Polônia. Em 6 de outubro controla o país e instala um governo de ocupação. A Polônia foi dividida em duas partes: a parte Leste era da Rússia e a parte Oeste da Alemanha. Resultado do acordo *Ribemntrop-Molotov*, firmado entre os chanceleres da Alemanha e da Rússia, um pacto de não agressão, que mais tarde seria desrespeitado pelos alemães, dividia a Polônia entre os dois países. No futuro, as terras da seriam distribuídas para os colonos alemães.

Inicialmente, os alemães ocupam um antigo quartel na cidade polonesa de Oswiecim que ficaria conhecida para sempre pelo seu nome alemão: Aushwitz. Além do quartel, os nacional-socialistas confiscaram várias fazendas para construir o imenso campo de Aushwitz-Birkenau. Esse quartel foi transformado em campo de prisioneiros, como na Alemanha. Inimigos do governo, comunistas, homossexuais, ciganos e judeus começaram a ser mandados para lá. Toda a experiência apreendida nos campos da Alemanha foi colocado em prática no campo Aushwitz-Birkenau. Com mais violência: torturas, fome, trabalhos forçados.

Começava aqui o planejamento e a organização germânica para o próximo passo: exterminar os judeus. Apesar disso Aushwitz ainda não era um campo de extermínio, como depois seria seu anexo 2, Birkenau. Era um campo de concentração, uma prisão com as mais bárbaras torturas.

⁷³ Arianos era a denominação do partido nazista para a raça pura.

⁷⁴ Sobre esta questão ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto, Crime contra a Humanidade*. São Paulo, Ática, 8 reimpressão, 2008, pp. 18-24.

⁷⁵ Idem, pp. 39 a 66.

Na Europa do Leste, Lituânia, Letônia, Ucrânia, Rússia, Polônia e outros países. Viviam milhões de judeus. Quando a *Wermacht*, o exército formal alemão avançava, logo atrás vinham os *Einsatzgruppen*, os grupos de extermínio. Objetivo: matar os judeus das cidades conquistadas. Era a organização, o planejamento do assassinato em massa.

Os *Einsatzgruppen* eram grupos de soldados SS formais, forças organizadas, uniformizadas, orientadas por um oficial, com um objetivo bem definido: matar todos os judeus das cidades ocupadas. Homens, mulheres, crianças, velhos. Matar todos, absolutamente todos. O objetivo era matar. O estupro era proibido, pois as Leis de Nuremberg, como vimos antes, proibiam a relação sexual entre alemães e judeus.

Mas, como funcionavam os *Einsatzgruppen*?

Ocupavam uma cidade, mandavam que todos os judeus fossem reunidos na praça, levados para a floresta onde deveriam cavar fossas coletivas. Em seguida, os nazistas fuzilavam um por um: homens, mulheres, crianças. Um a um eram fuzilados. Muitos não morriam na hora, caíam vivos nas fossas coletivas. Alguns poucos sobreviveram para contar esse massacre. Fingiram-se de mortos.

Assassinato aos milhares. Num único dia 5, 10, 15 mil judeus eram assassinados pelos *Einsatzgruppen*. Os tiros nas florestas eram ouvidos no vilarejos pelos não judeus que ali ficaram. Em seguida, suas casas eram invadidas, seus bens pilhados ou confiscados. Se algum judeu se escondia, um vizinho não judeu o denunciava. Por ser judeu, era fuzilado na hora. A cidade ficava livre de judeus: *Judenfrei*.

Em Babi Iar, numa ravina próxima de Kieve, numa única noite, entre 29 e 30 de setembro de 1941, foram mortos mais de 33.771 judeus. Mas tudo isso começou a se mostrar não eficiente, dada a monumentalidade do projeto de extermínio. Não era econômico, nem prático e nem humano, para os carrascos, como veremos adiante. A eficiência alemã concluiu que esses grupos de extermínio não eram a melhor maneira de assassinar judeus.

Havia muitos judeus no leste. Milhões. O trabalho do *Einsatzgruppen* não era fácil. Em 1941 esses grupos já tinham assassinado a tiros 700 mil judeus. O total de judeus a serem mortos era de 11 milhões. Nesse ritmo o objetivo não seria alcançado. Hitler e Himmler estavam preocupados com o custo, a falta de eficiência da operação e com a reação psicológica dos assassinos de homens, mulheres e crianças.

O custo: a Alemanha estava em guerra. Todos os esforços, toda a economia era voltados para a guerra. Combustível, armas, munições. E levar os *Einsatzgruppen* com as tropas do exército custava caro em transporte, diesel, comida, alojamento. Eram dois exércitos se locomovendo. Além disso, esses assassinatos gastavam munição. Centenas de milhares de pessoas sendo fuziladas, portanto, centenas de milhares de balas sendo usadas. Os alemães chegaram a testar quantas pessoas enfileiradas poderiam matar com um único tiro. Isso mesmo. A mãe com uma criança no colo podiam ser mortos com apenas um tiro.

O desgaste emocional dos carrascos: com o tempo, aqueles jovens que participavam dos *Einsatzgruppen* começaram a sentir os efeitos do assassinato em massa. Eles haviam sido treinados para servir a Alemanha, serem soldados, não para matar mulheres e crianças. Após alguns dias e semanas, assassinando mães que gritavam, crianças que choravam, homens que rezavam, olhando nos olhos das vítimas que imploravam misericórdia, os nervos começaram a fraquejar.

As doses de vodka ao final do dia começaram a aumentar.

Num fuzilamento à curta distância a cabeça explode, voa sangue, pedaços de cérebro. Os jovens soldados ficavam com os uniformes vermelhos, cobertos de vísceras. As cenas eram de horror. Por mais treinados que fossem, por mais que odiassem os judeus, esses homens eram seres humanos, dos dois lados da arma, e o estresse chegava a pontos insuportáveis. Por isso mesmo, não podemos aceitar suas justificativas de que apenas “obedeciam a ordens”. Onde ficaram seus sentimentos?

A eficiência: o plano nazista era de exterminar os 11 milhões de judeus dos territórios ocupados. No entanto, não se mata 11 milhões fuzilando. Foi então que as altas autoridades alemãs procuraram formas mais “humanas” eficazes e rápidas de matar. Humanas para os carrascos, não vítimas. À medida que o exército alemão avançava em direção ao Leste

[conquista do espaço vital], mais cidades eram conquistadas e mais judeus eram feitos prisioneiros. O que fazer com esses judeus, como se livrar deles?

Foi então que 15 altos funcionários do governo nazista reuniram-se em 20 de janeiro de 1942 na pequena cidade de Wansee, praticamente um subúrbio de Berlin, encontro que ficou conhecido como a *Conferencia de Wansee*. Um reunião secreta que criou um silogismo para não usar a palavra assassinato: *Solução Final*.

A conferência foi presidida por Reinhard Heydrich, chefe da SS, encarregado da coordenação das operações da SS contra os judeus. Havia um ministro de estado para organizar a matança de judeus. Dois outros oficiais SS presentes: Heinrich Müller (Chefe Gestapo) e Adolf Eichmann (SS). Após o assassinato de Reinhard Heydrich, a coordenação da *Solução Final* passou para Eichmann. O participação de outras autoridades mostra a gama de envolvimento do governo alemão e de autoridades civis necessárias para organizar e administrar a *Solução Final*: Dr. Wilhelm Stuckart (Ministério Interior), Erich Neuman (ministro do Planejamento), Dr. Roland Freisler (Ministério da Justiça Reich) todos doutores, advogado, universitários, o Dr. Martin Luther (Ministro do Exterior) Friedrich Kritzinger (Chancelaria Reich), Liebbrandt (Ministério do Reich para os Territórios Ocupados Oriental, e da Raça e Liquidação, o principal instituto de Segurança Reich, de Segurança e da Polícia e SD, entre outros. A *Conferência de Wansee* foi autorizada Herman Goering, braço direito de Hitler.

Ou seja, os principais homens do governo alemão nazista participaram desse encontro. Hitler, como sempre, não aparecia pessoalmente nem assinava nada sobre esse assunto. Nesse encontro foram traçados os planos do extermínio dos 11 milhões de judeus dos países já ocupados e que os alemães iriam ocupar na Segunda Guerra Mundial. O silogismo para assassinato em massa: *Solução Final do Problema Judeu*.

A estrutura burocrática, as estratégias de organização e o domínio do planejamento governamental alemão foram postos em prática para concretizar, sob segredo, o assassinato em massa. Esta pode ser uma das diferenças a ser considerada entre o genocídio judeu e os genocídios que aconteceram em Ruanda, Dafur, Kosovo, Sérvia, e tantos outros que infelizmente existiram e existem no mundo. Estes não foram planejados e organizados de maneira industrial.

Para levar a cabo o extermínio de 11 milhões de judeus, dos quais os alemães assassinaram 6 milhões, participou grande parte da sociedade alemã ⁷⁶: civil, militar e empresarial. Não foi apenas o *lumpen* proletariado que Hitler chamou para as fileiras da SS e que comandaram campos tiveram poder ilimitado sobre a vida dos “outros”. Médicos, engenheiros, químicos, advogados, a cineasta Leni Rifenshtal, o arquiteto Albert Speer, dentre outros, estiveram comprometidos com o III Reich e seus projetos de extermínio.

Uma empreitada desse porte não se faz sem planejamento, reflexão que nos ajuda à entender porque o Holocausto é, ainda hoje, algo tão maléfico, inacreditável. Para tanto, eram precisos bancos para financiar o projeto, construir os campos, comprar veneno, pagar os guardas, transportar os judeus de diferentes pontos da Europa para o extermínio nos campos nazistas em território polonês ou de trabalho escravo. Engenheiros e arquitetos para desenhar e planejar os campos de concentração e extermínio simetricamente construídos, com sofisticado sistema de iluminação, hidráulica, logística. Um soldado não planeja e executa isso.

Há necessidade de químicos para preparar os gases venenosos, pessoal de transporte, para levar os judeus das cidades aos campos de extermínio. As empresas que controlavam as ferrovias não transportavam os judeus de graça. Esse custo era negociado, pois havia interesses por trás dessas mortes premeditadas.

Precisavam de mão de obra para trabalhar nos campos de concentração, sendo que os lituanos e ucranianos, principalmente, se ofereciam para este tipo de trabalho e recebiam salário para isso. Imaginem a dimensão deste “negócio”. Estamos falando em uma máquina preparada para matar 11 milhões de pessoas, número equivalente à população de Campinas, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador. E conseguiram matar mais de seis milhões de judeus,

⁷⁶ Ver o livro “Carrascos Voluntários de Hitler”.

além de outros grupos étnicos, religiosos e políticos. Imagem toda a população da cidade do Rio de Janeiro. Minha sugestão é para que um professor de matemática trabalhe com estes cálculos, sensibilizando seus alunos para o tema do genocídio.

Começaram os testes para a matança não de milhares, nem de centenas de milhares, mas de milhões de seres humanos. Para matar milhões não era mais possível continuar com o fuzilamento. Os primeiros testes foram com gás carbônico. Caminhões-baú com o escapamento voltado para o interior do veículo foram testados. Centenas de prisioneiros foram mortos nesses testes que não se mostraram tão eficientes. Eram demorados, gastavam muita gasolina e diesel e não eram 100% eficazes. Então chegaram ao *Zyklon B*, um pesticida usado inicialmente para combater os insetos e o tifo nos campos de concentração. Em doses corretas, matavam em 15 minutos. Em 3 de setembro de 1941 foi testado e aprovado em 600 prisioneiros de guerra russos.

A partir de 1942 foram desenvolvidas as câmeras de gás. Em Birkenau três delas chegaram a matar 25 mil pessoas por dia. Para evitar o pânico, eram disfarçadas de chuveiros. Quem pensou nessa solução entendia de psicologia humana! Um problema surgiu da eficiência em matar das câmeras de gás. Como se livrar de tantos corpos? As fossas comuns ficaram pequenas e os corpos apodrecendo ao ar livre eram focos de doenças. Chegaram aos fornos crematórios, construídos e planejados para agüentar temperaturas de milhares de graus, 24 horas por dia. Quem fez os cálculos de calorías ? Quem desenhou os fornos crematórios? Com certeza técnicos especializados. A máquina alemã, a eficiência, o planejamento chegaram ao resultado que a Solução Final exigia. Assim foram mortos 6 milhões de judeus entre 1939 e 1945. Não foram em bombardeios, nem em tiroteios, nem na guerra. Foram mortos de forma sistemática e friamente de maneira planejada.

Por isso o Holocausto judeu difere de qualquer outro genocídio e não pode ser comparado a nenhuma ação militar, ação de guerra ou de invasão. Nem a explosões de ódio popular.

O assassinato de 6 milhões de pessoas foi uma indústria.

O Holocausto foi uma máquina voltada para o extermínio de todo um povo.

O TESTEMUNHO DE UM SOBREVIVENTE

Um sobrevivente paulistano.

Julio Gertner tem sotaque da Europa do Leste, olhos azuis como o céu de outono, passou seis anos entre a vida e a morte na Polônia e Áustria, mas é paulistano.

Julio representa um dos dezenas de milhares de sobreviventes do Holocausto que escolheram São Paulo para viver. Explico. Julio nasceu em 1924 na Cracóvia, Polônia,

e em 1949 escolheu São Paulo para renascer. Ao chegar se encantou pela cidade e decidiu que aqui iria recomeçar sua vida, longe das guerras da Europa e do anti-semitismo do velho continente que assassinou seus pais e a maior parte dos seus

familiares. Julio logo descobriu que São Paulo era tolerante com os judeus, cosmopolita, tinha uma exuberante vegetação que se misturava com o concreto e um clima maravilhoso, nem tão frio como a Polônia, nem tão quente como o Panamá, onde

um dos irmãos, também sobrevivente, tentou morar mas acabou, por recomendação de Julio, tornando-se paulistano. Julio tem passaporte brasileiro e considera-se tão paulistano quanto seus netos que nasceram na maternidade do Hospital Albert

Einstein. A terceira geração dos Gertner é a alegria de Julio, que venceu a guerra contra Hitler e preserva suas origens, tradições e história. Da invasão da Polônia pelos alemães, em 1939, até o final da Guerra, em 1945, Julio viu e sofreu as piores torturas, ameaças, humilhações, dores, perdas, pesadelos, ódio, fome, sede e desgraças que um ser

humano pode infringir a outro. Durante seis anos, viu mais gente morrer do que nascer. Viu seu pai ficar sem trabalho porque era judeu, e conseguiu sustentar

os pais porque “não era parecido com um judeu”. Seus irmãos fugiram para a Rússia, mas ele ficou, pois achava que a situação não podia ficar pior do que estava. Enganou-se. Seus pais alugaram uma casa num vilarejo que parecia mais seguro que Cracóvia,

mas depois de alguns meses os alemães emitiram uma ordem para que todos os judeus da região se apresentassem na cidade de Procivic. Seus pais aconselharam que ele se escondesse, o que salvou sua vida, pois os judeus lá reunidos foram transportados para Maidanek, onde foram assassinados. No inverno de 1941, com apenas a roupa do corpo, fugiu para o campo. Trabalhava e comia de noite e escondia-se de dia. Fazia pequenos trabalhos em troca de um prato de comida, que era colocado na porta das casas. Os camponeses evitavam o contato pessoal com ele, pois sabiam que era judeu e que, se não o denunciassem, 10 pessoas seriam mortas. Dormia em celeiros, no mato, em qualquer lugar em que pudesse se esconder. Cada noite num esconderijo diferente por medo de ser capturado. Assim sobreviveu durante quase um ano até que um dos irmãos voltou da Rússia, pois achava que a situação na Polônia não podia ser pior. Mas era. Seu irmão escondeu-se num sótão, mas a pressão de ser apanhado era muito grande, pois volta e meia surgiam notícias de judeus descobertos e mortos na hora, e então decidiu ir para o Gueto de Cracóvia e Julio foi com ele. Ficaram apenas 10 dias, pois em 13 de março de 1943 foram levados ao campo de Plasow. Ali, Julio conheceu Amon Goeth, comandante do campo, o terrível assassino corrupto que ficou conhecido pelo filme “A Lista de Schindler”. Ele ainda lembra dos tiros a esmo que Goeth praticava da janela da sua sala e do feroz cão pastor que ele lançava sobre algum judeu por pura diversão. Depois de 9 meses, Julio e o irmão foram levados para Auschwitz. Ficaram apenas 24 horas, pois ainda tinham forças para trabalhar, e foram transportados para Mauthausen. Lá ficaram algum tempo fazendo um trabalho cujo objetivo era destruir psicologicamente um ser humano, coisa que os alemães aprenderam a fazer com perfeição durante a Guerra. O “trabalho” de Julio era levar pedras de um lado para o outro e trazê-las de volta, horas a fio, dia após dia, semana após semana com uma ração mínima de comida e água. De lá, Julio, seu irmão e milhares de outros prisioneiros foram transportados para Melk, na Áustria superior, onde cavavam imensos esconderijos nas montanhas para que os alemães escondessem os aviões V2 e as futuras bombas atômicas. Julio lembra que “teve sorte”, pois trabalhou dentro dos túneis e assim sobreviveu ao terrível frio. De um grupo de 500 prisioneiros que trabalharam fora, apenas 4 sobreviveram. Como os russos ameaçavam chegar em Melk, todos foram levados para Ebensee, onde o trabalho era mil vezes pior. Ali os imensos esconderijos eram feitos na rocha, e como trabalhavam com água até os joelhos, ninguém sobrevivia mais de uma semana. Caiam como castelos de cartas. Morriam aos milhares. O destino trouxe “sorte” a Julio mais uma vez. Foi selecionado para um grupo que iria desobstruir um cruzamento de trem bombardeado e aí, um vagão descarrilhado, carregado de açúcar e chicória, foi sua salvação. Comeu o que conseguiu, isso lhe deu forças para agüentar mais uns dias e, amarrando as calças pelos tornozelos, encheu as pernas com esses preciosos alimentos. Mas ao voltar para o barracão, enquanto dormia, foi roubado por outro prisioneiro faminto. Foi o pior roubo sofrido em sua vida, pois tratava-se da sua sobrevivência. Entretanto, a “sorte” olhou para ele novamente e poucos dias depois, com o avanço do exército americano, os alemães abandonaram o campo. Era o fim da Guerra, o fim da escravidão e da destruição dos judeus. Julio, seu irmão e alguns milhares de mortos-vivos foram encontrados pelo exército americano, que lhes deu comida, roupa e tratamento médico. Seis anos depois do começo da Guerra, Julio venceu Hitler e ganhou um título que teria de carregar pelo resto da vida: Sobrevivente do Holocausto. Da Áustria foi para Itália e morou nos estúdios de Cinecité, transformados em abrigos para sobreviventes e refugiados da Guerra, e em Firenze conseguiu um visto para o Brasil depois de esconder sua origem judaica, pois o Governo de Getúlio Vargas recusava vistos para os judeus. Pegou uma passagem de navio na quarta classe e, como ele diz com bom humor, não pegou quinta porque não tinha. Mas parecia o paraíso perto do que ele havia passado nos anos da Guerra. Desembarcou no Rio de Janeiro e veio encontrar seu irmão em São Paulo. O resto já sabemos. Foi amor à primeira vista pela cidade. A CIP, Congregação Israelita Paulista, arrumou para ele emprego com um judeu alemão que fugiu para o Brasil logo que os nazistas chegaram ao poder, e tinha uma confecção no Jardim Paulista. Um revés fez Julio sair desse emprego e abrir uma confecção na Av. da Liberdade. Aprendeu a trabalhar no comércio e tocou seu negócio, que prosperou. Em São Paulo também conheceu sua esposa, italiana, judia, sobrevivente e

paulistana como ele, que escolhera esta cidade para refazer a vida. Tiveram os filhos, os netos, entraram de sócios na Hebraica, o maior clube judaico do mundo fora de Israel, onde joga tênis diariamente e frequenta a sinagoga. Mora no bairro de Higienópolis, onde está concentrada a maior parte da comunidade judaica de São Paulo, que é a maior do Brasil. Em 2008 foi com toda a família fazer a “Marcha da Vida” e mostrou pessoalmente para seus filhos e netos os lugares onde sofreu. Julio me surpreendeu por não ser uma pessoa rancorosa apesar do que passou. Sofre com seu passado, é claro, pois fala sobre isso todas as vezes que encontra seu irmão, mas não tem ódio nem raiva. Transmitiu aos filhos e netos sua história, testemunha ocular de quem sofreu apenas por ser judeu e acha que cumpriu a sua missão, que era de sobreviver aos nazistas e dar continuidade à Marcha da Vida.

TESTEMUNHOS

Depoimentos de sobreviventes da Fundação *Shoah*. Shoah Foundation, organização criada por Steven Spielberg para documentar em vídeo o depoimento de sobreviventes ao redor do mundo.

Arqshoah- Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo. LEER/USP:
www.arqshoah.com.br

BIBLIOGRAFIA

GOLDHAGEN, Daniel. Os carrascos voluntários de Hitler. *São Paulo, Ed. Cia das Letras*.

DWORK, Deborah; PELT, Robert Jan van. Holocausto, uma história. *São Paulo, Editora Imago*.

Roseman, Mark. Os nazistas e a Solução Final, Wansee. *São Paulo, Editora Imago*.

Pitliuk, Marcio. A Marcha da Vida. *São Paulo, Editora PitCult*.

FILMES E DOCUMENTÁRIOS

LANZMANN, Claude. *Shoah*.

MUSEUS

United States Memorial Holocaust Museum, Washington.

Museum of Tolerance, Los Angeles.

Museum of Jewish Heritage, New York.

Mémorial de la Shoah, Paris.

Yad Vashem, Jerusalem.

Illinois Holocaust Museum and Educational Center, Chicago.

Museu de Auschwitz, Oswiecim.

Museu de Maidanek, Lublin

Museu do Levante do Gueto de Varsóvia, Varsóvia